

# PAULO APÓSTOLO – Viver em conversão permanente

Carlos Mesters e Francisco Orofino<sup>1</sup>

## Como Paulo chegou a Corinto

Paulo chegou a Corinto, vindo de Atenas, durante a segunda viagem missionária, em torno do ano 50 (At 18,1). No areópago de Atenas, ele tinha feito um grande esforço para anunciar a Boa-Nova de Deus à elite intelectual da cultura greco-romana. Mas eles zombaram da pregação dele. Pouca gente se converteu (At 17,32-34). Desanimado, Paulo viajou para Corinto. Ele diz que chegou por lá “cheio de fraqueza, receio e tremor” (1Cor 2,3), “em meio às angústias” (1Ts 3,7).

Paulo não era uma pessoa para ficar desanimada por qualquer motivo! Antes de chegar em Atenas, durante aquela mesma segunda viagem missionária, ele foi expulso de Antioquia da Pisídia (At 13,50), foi ultrajado e perseguido em Icônio (At 14,5-6), foi apedrejado, quase morto, em Listra (At 14,19). Em Filipos foi açoitado e aprisionado (At 16,22-23; 1Ts 2,2), em Tessalônica foi acusado de ser contra a lei do império e teve que refugiar-se em Beréia (At 17,6-7), e em Beréia foi acusado e teve que fugir para Atenas (At 17,13-15). E, apesar de tudo isso, ele não desanimava! Então, o que aconteceu em Atenas? Por que ficou tão desanimado diante de um discurso fracassado a ponto de anunciar a boa-nova só na sinagoga e só aos sábados e não mais todos os dias em todo canto como era o costume dele (At 18,3-4)?

Foi a experiência de dois conflitos ligados entre si, que tiveram um alcance muito profundo para a vida de Paulo e para a sua atuação na comunidade de Corinto: conflito ideológico e conflito pessoal.

## O conflito ideológico

Atenas era o símbolo da cultura dominante greco-romana. O Império Romano, expressão máxima da cultura grega, caminhava para o seu apogeu. Estando em Atenas, Paulo andava pelos vários espaços e ambientes da cidade helenista: nas *ruas* com seus ídolos e templos (At 17,16), na *sinagoga* junto com seus irmãos na fé (At 17,17) e na *ágora* ou praça do mercado no meio do povo e dos comerciantes (At 17,17). Nestes lugares, onde só se viam os sinais da idolatria, Paulo anunciava “Jesus e a Ressurreição” (At 17,18). Por fim, falou no *areópago*, o lugar onde a elite se encontrava para os debates filosóficos (At 17,18-22).

1. Solicitaram um artigo para o n.100 de *Estudos Bíblicos*. Conversei com Francisco Orofino e combinamos de fazer juntos um artigo sobre o Apóstolo Paulo, pois estamos no Ano Paulino. Trata-se da segunda conversão que aconteceu em Paulo entre o discurso no areópago em Atenas e a sua chegada na comunidade de Corinto. Para isto adaptamos um texto que foi publicado na introdução do livro “*A comunidade – O retrato de Deus nos rostos humanos – Círculos Bíblicos da primeira Carta de Paulo aos Coríntios*”, que foi publicado no começo do ano pelo CEBI, Ed. Contexto, 2008, p. 7-14. Espero que possa servir. Aqui segue o texto do artigo.

Lá no areópago, encontrou-se com os magistrados, os notáveis e as autoridades que o tinham convidado para uma conversa. Foi um confronto de alto nível entre duas maneiras diferentes de ver a divindade, o mundo e a vida. De um lado os *epicureus* e os *estóicos*, membros das duas principais correntes filosóficas gregas (At 17,18). Do outro lado, Paulo, missionário semita, judeu cristão. A pregação de Paulo no areópago de Atenas simbolizava a mensagem cristã atingindo o coração do sistema dominante na época. Mas a reação da elite grega diante do anúncio da ressurreição foi de descaso e de zombaria (At 17,32). Não mostraram nenhum interesse. Para eles, Paulo não passava de um vendedor ambulante de mais uma das muitas religiões e filosofias da moda (At 17,18). Paulo se viu confrontado com uma cultura aparentemente impenetrável, sobre a qual a sua mensagem não provocou nenhum impacto. Esta experiência de fracasso teve um reflexo profundo na vida de Paulo. Por que o anúncio da Boa-Nova não teve o efeito como nas outras vezes? Culpa de quem: do conteúdo, do pregador ou dos ouvintes?

### **O conflito pessoal**

Em Atenas, lá no areópago, Paulo tinha elaborado um discurso conforme as regras da retórica e da sabedoria dos gregos (At 17,22-31). Chegou a citar a frase de um poeta grego de Tarso (At 17,28). Mas esqueceu ou omitiu duas coisas muito importantes e centrais. No seu discurso, ao falar da ressurreição, Paulo não falou da *cruz*, nem mencionou o nome de *Jesus*. Ele disse: “Deus, sem levar em conta os tempos da ignorância, agora anuncia aos homens que todos e em todo lugar se arrependam, pois ele estabeleceu um dia em que irá julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou e creditou diante de todos, ressuscitando-o dos mortos” (At 17,30-31). Omitiu Jesus de Nazaré. Deste modo, a ressurreição, em vez de ser uma provocação concreta à consciência das pessoas a partir dos gestos e palavras de Jesus de Nazaré, tornou-se uma doutrina alternativa à teoria da alma imortal da cultura dos gregos. Paulo talvez pensasse que os argumentos de um discurso bem elaborado dentro das normas da cultura grega pudessem converter a elite. Mas o seu discurso não teve nenhum efeito nos ouvintes. “Quando ouvirem falar de ressurreição dos mortos, alguns caçoavam e outros diziam: ‘Nós ouviremos você falar disso em outra ocasião’” (At 17,32). Esta experiência negativa teve, porém, um efeito profundo no próprio Paulo. Os ouvintes não se converteram, mas Paulo, ele sim, se converteu. Foi a sua segunda queda. A primeira foi no caminho de Damasco (At 9,3-9). O fracasso da sua pregação em Atenas revelou que não é a retórica, nem a sabedoria humana de um discurso bem montado que converte os corações, mas sim o poder do próprio Deus (1Cor 2,4-5). O defeito não estava no conteúdo, mas no próprio Paulo, ou melhor, na seleção que Paulo fez do conteúdo. Não se evangeliza uma sociedade a partir da elite e, para evangelizar a elite, não se deve mudar nem adaptar o discurso, como Paulo tinha feito omitindo a Cruz e o nome de Jesus.

### **A conversão continuada**

A conversão é um processo permanente, também para Paulo! Certos defeitos escondidos só aparecem no decorrer da caminhada. A própria vida vai revelando quem

somos frente a Deus, frente aos outros e frente a nós mesmos. Apesar de ter experimentado a gratuidade da ação de Deus no caminho de Damasco, dentro de Paulo continuava ainda um resto da mentalidade das “obras”. Teólogo formado na escola do doutor Gamaliel em Jerusalém (At 22,3), Paulo pensava poder converter os pagãos com a lógica dos seus argumentos. Em vista disso elaborou um discurso bem feito, baseado nas leis da lógica e da oratória (At 17,22-31). Mas teve que experimentar a total inutilidade dos seus argumentos. Em vez de derrubar, foi derrubado na sua pretensão de vencer o inimigo com os argumentos da razão. O sistema da cultura helenista não se abalou, nem se alterou. Pouca gente se converteu. A maioria do pessoal nem se interessou. Não era nem a favor nem contra. Não quis nem discutir o assunto: “Até logo! Fica para outra vez!” (At 17,32).

Paulo descobriu e experimentou a fraqueza e os limites da sua pretensão e dos seus argumentos. O nascimento doloroso para Cristo, iniciado no caminho de Damasco, continuava. Mas ele soube tirar a lição dos fatos. Esta dupla experiência de nível ideológico e pessoal marcou a sua entrada na comunidade de Corinto e influenciou o seu jeito de anunciar a Boa-Nova daqui para frente. Em Atenas, no discurso para a elite, ele omitiu o nome de Jesus e não falou da Cruz. Em Corinto, falando para o povo, fez o contrário. Ele escreve: “Irmãos, eu mesmo, quando fui ao encontro de vocês, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria, para anunciar-lhes o mistério de Deus. Entre vocês eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado”. Sua pregação não tem mais nada daquela linguagem baseada na sabedoria dos gregos. Ele diz: “Estive no meio de vocês cheio de fraqueza, receio e tremor; minha palavra e minha pregação não tinham brilho nem artifícios para seduzir os ouvintes, mas a demonstração residia no poder do Espírito, para que vocês acreditassem, não por causa da sabedoria dos homens, mas por causa do poder de Deus” (1Cor 2,2-5). Parece um outro Paulo, diferente daquele Paulo que discursava no areópago com oratória e lógica. Aprendeu a lição. Aprendeu apanhando e sofrendo! Ficou mais humilde. Entendeu melhor o alcance da cruz e da ressurreição de Jesus para a sua vida e missão.

De fato, a distância entre a elite do areópago em Atenas, capital cultural do império, e a vida do povo no cais do porto de Corinto, cidade comercial, era grande, muito grande, como era grande a mudança que se passou em Paulo. Entre o areópago e o cais do porto aconteceu a conversão. Chegando a Corinto, mudou a linguagem, os destinatários e o conteúdo. Em vez da oratória humana, a linguagem da Cruz. Em vez da elite intelectual, o povo do cais do porto. Em vez de falar só do ressuscitado, falou de Jesus e de Jesus Crucificado que venceu a morte.

### **O que ajudou a Paulo a fazer esta descoberta?**

Quando Paulo chegou a Corinto a cidade devia contar em torno de 150 a 200 mil habitantes. Bem mais de dois terços eram escravos. A pequena elite da classe dominante era de predominância romana de ex-militares e de cidadãos libertos que a colo-

nizaram. A cidade era famosa por seu profundo contraste social, concentrando grande poder e riquezas nas mãos de um pequeno grupo de armadores e comerciantes. O porto, bastante movimentado, exigia um grande número de escravos. Todo o movimento comercial marítimo dependia dos escravos: os que remavam os navios (galés), os que embarcavam ou desembarcavam as mercadorias, os que trabalhavam nos depósitos do cais (empórios). Havia ainda um grande número de escravos que faziam todos os trabalhos domésticos para os ricos.

Devido ao movimento portuário, mas também devido à vida luxuosa e licenciosa dos ricos, havia em Corinto uma grande população de prostitutas. Naquele tempo, chamar uma menina de *coríntia* era o mesmo que chamá-la de prostituta. E a expressão “viver como um coríntio” significava levar a vida nos prazeres da carne. A principal divindade da cidade era Afrodite, deusa da beleza e do amor, cultuada num santuário situado na parte alta da cidade.

Em Corinto, Paulo dirige sua mensagem não à elite, mas a esse povo da periferia da sociedade: “Irmãos, vocês que receberam o chamado de Deus, vejam bem quem são vocês: entre vocês não há muitos intelectuais, nem muitos poderosos, nem muitos de alta sociedade” (1Cor 1,26). E refletindo sobre a condição social dos seus ouvintes, ele afirma: “Mas, Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, isso Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante. Desse modo, nenhuma criatura pode se orgulhar na presença de Deus. Ora, é por iniciativa de Deus que vocês existem em Jesus Cristo, o qual se tornou para nós sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e libertação, a fim de que, como diz a Escritura: “Aquele que se gloria, que se glorie no Senhor” (1Cor 1,27-31).

Foi a convivência com os pobres sem poder e sem diploma que converteu o coração de Paulo e o ajudou a perceber que a Ressurreição passa pela cruz e que a cruz não tem lógica nem oratória. De um lado, a convivência com os marginalizados iluminou para ele o significado da cruz de Jesus. De outro lado, a cruz de Jesus ajudou-o a perceber a sabedoria de Deus presente no meio da fraqueza e ignorância dos marginalizados. Foi a convivência com este povo que o fez entender o alcance da sua crise de Atenas. Lá, discursando no areópago, ele se baseava na sabedoria e na retórica e não obteve quase nenhum resultado. Aqui em Corinto, trabalhando na oficina (At 18,3), convivendo com os pobres e experimentando suas próprias fraquezas e limitações, experimentou como de um povo crucificado pudesse ressuscitar uma comunidade cheia de vida. Ele anunciou “o evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo. Nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gregos!” (1Cor 1,17.23). Foi na ação pastoral concreta jun-

to ao povo das periferias de Corinto que Paulo aprendeu como lidar com o pessoal da cultura helenista e com o próprio Deus.

### **A força da acolhida fraterna**

Existe certa semelhança entre o que aconteceu depois da queda na estrada de Damasco e depois da crise no areópago de Atenas. Em ambos os casos foi a experiência concreta da *fraternidade* que ajudou Paulo a superar a crise. Em Damasco passou três dias no escuro. Foi a vinda de Ananias que, impondo as mãos e dizendo: “Paulo, meu irmão!”, o fez renascer e iniciar o anúncio da Boa-Nova (At 9,17). Em Corinto, conforme ele mesmo informa, foi a vinda dos irmãos Timóteo e Silas trazendo notícias boas da comunidade de Tessalônica, que o reanimaram (1Ts 3,6-8) e o levaram a anunciar a Boa-Nova com tempo integral, tentando *persuadir judeus e gregos de que Jesus é o messias* (cf. At 18,5). De fato, no começo da sua permanência em Corinto, Paulo anunciava a Boa-Nova só nos sábados e só na sinagoga (At 18,4). A partir do reencontro com Timóteo e Silas que lhe traziam boas notícias da comunidade perseguida de Tessalônica, ele teve novamente disposição para dedicar-se inteiramente ao anúncio da Palavra (At 18,5).

### **Conseqüências**

Não temos nenhum escrito de Paulo antes da sua conversão em Corinto. A primeira carta que temos é a primeira aos Tessalonicenses. Ela foi escrita no ano 51 em Corinto neste contexto da descoberta da presença da Sabedoria do Reino de Deus no meio dos pobres.

Um aspecto muito importante na atitude evangelizadora de Paulo se esclarece a partir da sua experiência da morte e ressurreição de Jesus no meio do povo pobre nas periferias de Corinto. A ideologia dominante da cultura greco-romana ensinava que trabalhar com as mãos era trabalho escravo e que o ideal supremo era poder viver sem trabalho manual. Quem vivia do próprio trabalho manual era um cidadão inferior. Professores e missionários ambulantes não trabalhavam, mas recebiam um salário pelos serviços prestados. Paulo faz questão de viver do próprio trabalho (At 20,33-34; 1Cor 4,12; 9,18; 2Cor 11,10). Ele se apresenta como escravo. Assim ele entra na vida das pessoas não como uma pessoa de classe média ou alta, mas como alguém da classe pobre trabalhadora. E esta atitude era consciente. Ele até brigou com a comunidade de Corinto que queria que ele aceitasse pagamento pelos serviços prestados (1Cor 9, 15-18). Ele se identifica com a grande massa urbana. Deste modo, ele ajuda os irmãos pobres a quebrar a ideologia dominante e a perceber onde estava a fonte da verdadeira honradez (cf. 1Ts 4,11-12).

Foi esta mesma experiência da Cruz de Jesus que o orientou na inculturação da mensagem do Evangelho na vida do povo das grandes cidades do Império Romano. O ambiente da cidade era bem diferente daquele em que Jesus viveu e trabalhou. Jesus

dirige sua mensagem para camponeses galileus. Paulo busca evangelizar o povo das periferias das metrópoles do Império Romano. Corinto, por exemplo, era um grande centro de comércio e de poder. Esta mudança da pedagogia de Jesus para a pedagogia de Paulo mostra a dificuldade das igrejas em levar a mensagem do evangelho para um ambiente bem diferente daquele vivido por Jesus e pelas primeiras comunidades lá na Galiléia. A cidade se torna o grande desafio missionário para a equipe de Paulo. Ler e meditar as cartas de Paulo pode ajudar-nos na busca de caminhos para evangelizar as cidades de hoje, estruturadas dentro da proposta ideológica do império neoliberal.

### **Atualizando**

Hoje, no Brasil, mais de 80% das pessoas vivem em cidades. Muitas deixaram a roça e vieram para a cidade, atraídas pela propaganda e pelos sonhos de uma vida melhor para si e para os seus. Na roça, a vida é mais estável, calma, embora o trabalho na agricultura seja penoso e arriscado. Mas a fé se transmitia dentro da família, havia mais solidariedade e os filhos acompanhavam os pais assumindo as propostas de vida e de crença.

Mas na cidade nada disso funciona. A vida na cidade não é um sonho. Para muitos, chegados da roça cheios de esperanças, a vida na cidade se torna um pesadelo. O ambiente é agressivo em todos os sentidos. Tudo é muito apressado e não sobra tempo para conversar e conviver. Na cidade, quem não tem trabalho não tem dinheiro. Sem dinheiro numa cidade se morre de fome. Por outro lado, com dinheiro se consegue tudo aquilo que a cidade oferece em termos de consumo. A cidade exige uma mudança cultural na cabeça das pessoas. Os filhos se adaptam mais rápido que seus pais à vida da cidade e não aceitam mais o modo de viver e de agir deles. Não seguem mais o comportamento religioso dos pais, abandonando a fé e buscando ou escolhendo novas formas de viver a religião. E numa cidade o que não falta são propostas religiosas e igrejas das mais estranhas. Hoje, milhares de católicos, quando chegam às cidades, trocam de religião, buscando espiritualidades do tipo pentecostal. Na verdade, a cidade é um grande mercado religioso onde as pessoas escolhem a que melhor lhes agrada.

É provável que quando Paulo chegou a Corinto encontrou muita coisa semelhante. Em Corinto uma pequena elite vivia num consumo desenfreado. Como dissemos, “viver como um coríntio” significava esbanjar e curtir a vida em todos os sentidos. Mas, e o povo? Também deveria haver massificação, individualismo, corrupção, violência urbana, mendigos, crianças de rua, crimes, prostituição feminina e masculina, banditismo, problemas com moradia, favelas, transporte precário, ausência de um serviço de saúde, ausência de escolas para os pobres, várias religiões disputando fiéis... Enfim, tudo o que existe até hoje em nossas cidades.

No meio de tudo isso surge uma pequena comunidade cristã. Uma comunidade com muitos problemas, como as nossas hoje em nossas cidades. A carta de Paulo aos coríntios mostra algumas atitudes muito importantes para nós que hoje queremos fazer pastoral urbana e inculturar o evangelho na vida do povo das periferias. De um

lado, Paulo não teve vergonha de reconhecer seus limites e de aprender da cruz dos seus próprios fracassos. Da mesma maneira, os coríntios não tiveram vergonha de expor suas fraquezas e dificuldades, escrevendo a Paulo pedindo ajuda. Por outro lado, Paulo junto com seus colaboradores, Sóstenes (1Cor 1,1), Timóteo (1Cor 4,17), Estéfanas, Fortunato e Acaico (1Cor 16,17), na casa de Áquila e Priscila (1Cor 16,19), mesmo distante, busca ajudar a comunidade a vencer e superar suas dificuldades.

Que a conversão permanente de Paulo e a sua atitude para com as comunidades, expressadas de maneira tão clara nas suas cartas, possam ajudar-nos hoje na busca de caminhos para uma verdadeira ação missionária em nossas cidades.

*Carlos Mesters*  
Rua Martiniano de Carvalho 114  
Bela Vista  
01321-000 São Paulo/SP  
cmesters@ocarm.org

*Francisco Orofino*  
Estrada Mal. Castelo Branco 313, casa 12  
26252-120 Nilópolis/RJ  
kiko@nextnet.com.br